

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

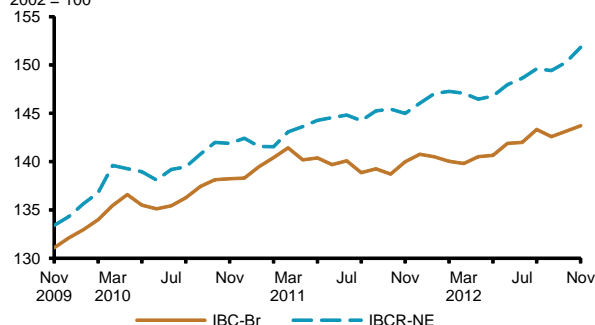
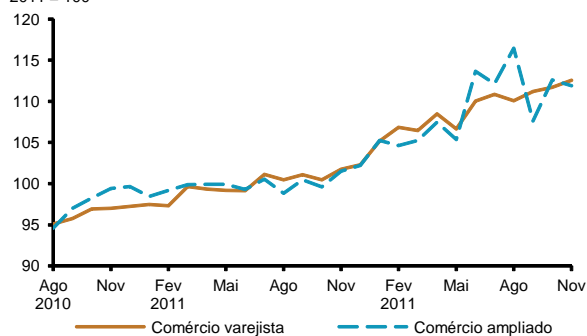


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	2011	Variação % no período		
		2012		12 meses
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	
Comércio varejista	7,0	2,9	1,4	9,2
Combustíveis e lubrificantes	6,5	0,2	-3,2	9,7
Híper e supermercados	2,1	1,6	2,2	6,6
Móveis e eletrodomésticos	19,6	4,3	-0,3	15,2
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	-18,3	2,7	2,9	11,8
Comércio ampliado	6,0	7,6	-3,0	9,4
Automóveis e motocicletas	4,0	20,8	-14,2	7,9
Material de construção	3,5	1,8	-0,5	11,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

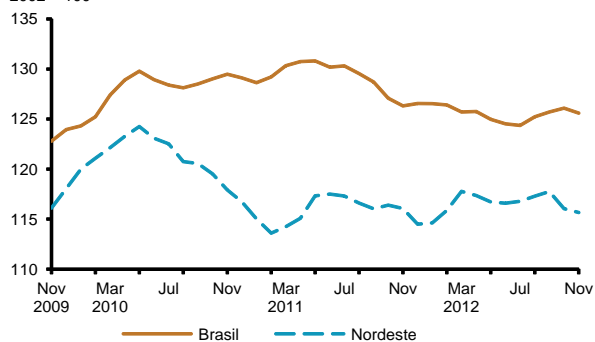
A atividade econômica da região Nordeste, apesar da moderação no terceiro trimestre de 2012, manteve-se mais dinâmica do que em âmbito nacional. Nesse contexto, considerados dados dessazonalizados, o Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia, de Pernambuco e do Ceará registraram aumentos respectivos de 0,2%, 1% e 3,2%, no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, quando haviam variado, na ordem, 0,8%, 1% e -0,8%. Ainda de acordo com dados dessazonalizados, o Índice de Atividade Econômica Regional – Região Nordeste (IBCR-NE), em grande parte reflexo do desempenho do setor de serviços, cresceu 1,2% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de análise.

As vendas do comércio varejista no Nordeste¹ cresceram 1,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, divulgada pelo IBGE. Destacaram-se, no trimestre, as vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, 6,5%, e de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 2,9%. No comércio ampliado, que incorpora os segmentos de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, houve recuo de 3% no trimestre, refletindo redução de 14,2% e de 0,5% nesses componentes, respectivamente.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 9,2% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 7,8% em agosto. Destacaram-se os segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 16%, e móveis e eletrodomésticos, 15,2%. As vendas de material de construção e de veículos, motos, partes e peças aumentaram, respectivamente, 11% e 7,9%, e contribuíram para que o comércio ampliado crescesse 9,4% no período.

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual do Comércio do IBGE.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

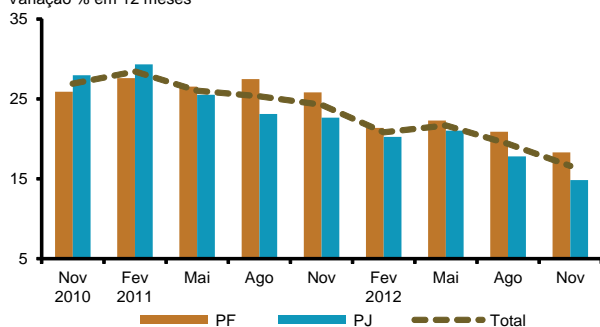
Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,5	-1,4	0,8
Indústria extrativa	6,8	-1,9	-0,1	-1,2
Indústria de transformação	93,5	0,9	-2,0	1,0
Alimentação e bebidas	29,0	0,9	-4,9	-0,5
Produtos químicos	18,8	2,6	-2,6	6,6
Refino de petróleo e álcool	12,6	10,8	-4,8	-0,9
Celulose, papel e produtos de papel	5,9	3,5	2,7	3,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

De acordo com as estatísticas divulgadas pelo IBGE, a série isenta de sazonalidade da Produção Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) indicou que a produção industrial na região Nordeste decresceu 1,4% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia aumentado 0,5% no mesmo tipo de comparação. No trimestre, verificaram-se quedas em seis das onze atividades pesquisadas, com destaque para as dos setores de alimentos e bebidas, 4,9%, de refino de petróleo e álcool, 4,8%, e de vestuário e acessórios, 4,7%.

No ano, até novembro, a produção industrial da região teve alta de 1,2%, e 0,8% nos últimos doze meses. Por setores de atividade, houve aumento de 6,6% em produtos químicos, ma parte devido à maior produção de etileno não saturado, cloreto de polivinila (PVC) e polietileno de alta e baixa densidade; de 4,5% em minerais não metálicos e de 3,3% em calçados e artigos de couro. No geral, o produto da indústria de transformação aumentou 1% em doze meses até novembro, e na indústria extrativa diminuiu 1,2%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$293 bilhões em novembro, elevações de 4% no trimestre e de 16,6% nos últimos doze meses. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$140 bilhões, expandindo-se 4,1% e 14,8%, respectivamente, nas mesmas bases de comparação, com ênfase no crédito destinado às atividades de transmissão e distribuição de energia elétrica, à indústria química e ao setor de refino de petróleo e álcool. Os créditos às pessoas físicas totalizaram R\$153 bilhões, alta de 4% no trimestre e de 18,3% em doze meses, com destaque para as modalidades de crédito consignado, financiamento a veículos e empréstimos habitacionais.

A inadimplência atingiu 4% no trimestre encerrado em novembro, reduzindo-se 0,2 p.p. em relação à verificada em agosto e elevando-se 0,13 p.p. em doze meses. A redução da inadimplência no trimestre tem refletido, em parte, o aumento da participação do segmento de pessoas físicas no crédito total, a despeito de ter apresentado maior inadimplência em novembro.

Segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os desembolsos do Sistema BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$156 bilhões em 2012, aumento de 12,3% em relação ao despendido em 2011. Desse montante, os recursos destinados a inversões na

região Nordeste alcançaram R\$21 bilhões, 12,2% a mais do que no ano anterior. Assinale-se que 55,5% dessas liberações deram-se no último trimestre do ano, e, certamente, os impactos desses investimentos ainda não se manifestaram integralmente.

Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. % 2012/2011
		2011	2012	
Produção de grãos		14 599	11 919	-18,4
Soja	13,51	6 228	6 096	-2,1
Milho	6,79	5 041	3 905	-22,5
Feijão	5,10	818	288	-64,8
Caroço de algodão (herbáceo)	4,70	1 033	856	-17,1
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	18,05	72 956	72 080	-1,2
Mandioca	6,73	7 905	6 644	-16,0
Banana	5,90	2 779	2 428	-12,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

Tabela 2.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	18 830	18 773	-0,3	-5,3
Básicos	5 100	5 078	-0,4	-7,4
Industrializados	13 730	13 695	-0,3	-3,3
Semimanufaturados	5 709	4 924	-13,7	-8,3
Manufaturados ^{1/}	8 021	8 771	9,3	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A safra de grãos da região Nordeste totalizou 11,9 milhões de toneladas em 2012, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE. O decréscimo de 18,4% relativamente ao colhido no ano anterior foi reflexo da seca e traduziu, em especial, as retrações nas colheitas de feijão, 64,8%, e milho, 22,5%. Assinale-se que os dois produtos representam, respectivamente, 2,4% e 32,8% da safra de grãos, leguminosas e oleaginosas da região. Os estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará sofreram as maiores perdas de safras no ano, 92,9%, 92% e 82,2%, na ordem. Em relação às demais culturas, destaquem-se os recuos de 1,2% na cana-de-açúcar e de 16% na produção de mandioca. O último prognóstico realizado pelo IBGE indica que a produção de grãos da região poderá aumentar 32,5% em 2013, assumindo-se a manutenção de condições climáticas favoráveis.

A balança comercial da região Nordeste registrou *deficit* de US\$7,2 bilhões em 2012, ante US\$5,3 bilhões no ano anterior, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações somaram US\$18,8 bilhões e as importações, US\$26 bilhões, contração de 0,3% e expansão de 7,7%, na ordem.

A trajetória das exportações decorreu de aumento de 2,9% no *quantum* e de contração de 3,1% nos preços, com recuos em todas as categorias de fator agregado, exceto produtos manufaturados. Nessa categoria, a elevação de 9,3% esteve associada aos embarques de plataformas de perfuração ou de exploração e dragas pelos estados da Bahia e de Pernambuco, no valor total de US\$786,7 milhões, sem correspondente no ano anterior. Cabe destacar que, de fato, essas operações representaram apenas transferência de propriedade do bem exportado, com imediato aluguel do equipamento para utilização nas atividades de exploração e produção de petróleo no país.

Em sentido contrário, as vendas de semimanufaturados recuaram 13,7%, sensibilizadas pela redução de 31,1% nas relacionadas a açúcar-de-cana em bruto, enquanto as vendas de bens básicos, diminuíram 0,4%, impactadas pela retração de 34,8% nos embarques de minérios de ferro aglomerados e seus concentrados. No ano, EUA, China, Holanda, Argentina e Antilhas Holandesas adquiriram, em conjunto, 48,5% das vendas externas da região.

Tabela 2.5 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	24 134	25 999	7,7	-1,4
Bens de capital	3 499	3 806	8,8	1,5
Matérias-primas	10 805	10 169	-5,9	-2,2
Bens de consumo	2 250	2 585	14,9	-1,8
Duráveis	1 595	1 849	15,9	-7,8
Não duráveis	655	737	12,5	7,2
Combustíveis e lubrificantes	7 581	9 439	24,5	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

A expansão das importações no ano, resultante de variações de 11,2% no *quantum* e de -3,1% nos preços, refletiu elevações nas compras em todas as categorias de uso, exceto em matérias-primas, que recuaram 5,9%, influenciadas pela queda de 49,5% em sulfetos de minérios de cobre.

As aquisições de combustíveis e lubrificantes aumentaram 24,5%, sensibilizadas, principalmente, pela elevação de 80,7% nos ingressos de outras gasolinas. Assinale-se, também, o crescimento de 14,9% nas compras de bens de consumo, concentradas em automóveis, e de bens de capital, 8,8%, especialmente as aquisições recordes de turbinas a vapor pelos estados do Ceará e do Maranhão no valor total de US\$502,6 milhões. As importações provenientes dos EUA, China, Argentina, Holanda e Índia corresponderam, em conjunto, a 50,9% das aquisições do Nordeste em 2012.

Tabela 2.6 – Evolução do emprego formal – Nordeste
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	139,4	-44,9	-28,7	73,2	102,1
Indústria de transformação	59,5	-31,2	-59,0	24,3	50,4
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	0,1	0,1	-0,5	-2,1
Construção civil	13,7	-7,3	6,8	5,1	-0,2
Comércio	34,1	-3,1	4,9	6,6	36,2
Serviços	36,8	17,8	20,5	18,9	21,1
Agropecuária	-5,5	-21,2	-2,9	18,1	-2,9
Outros ^{2/}	0,6	0,0	0,9	0,8	-0,5

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Segundo dados divulgados pelo MTE, consolidados no Caged, foram gerados 102,1 mil postos de trabalho na região Nordeste, no trimestre encerrado em novembro de 2012, ante 139,4 mil em igual período do ano anterior. A redução do número de postos de trabalho gerados, na comparação interanual, refletiu a desaceleração em todos os setores, à exceção do comércio. De janeiro a novembro de 2012, foram criados 142,8 mil empregos formais na economia nordestina, ante 273,4 mil em igual período do ano anterior.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal da região permaneceu basicamente estável, expansão de 0,03% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, embora tenha ocorrido crescimento de 0,7%, no comércio, e de 0,4%, em serviços e contração de 1,2% na indústria de transformação.

A inflação, medida pelo IPCA da região Nordeste², segundo o IBGE, atingiu 6,50% em 2012, ante 6,35% no ano anterior. Os preços livres aumentaram 7,17%, e os monitorados 4,20%, ante 6,65% e 5,62%, respectivamente, em 2011, assinalando-se no âmbito dos preços livres, a maior variação anual no grupo alimentação e bebidas, 11,98%, e, em relação aos monitorados, os reajustes nos itens taxa de água e esgoto, 9,97%, e ônibus urbano, 7,88%.

Na margem, a variação do IPCA da região Nordeste atingiu 2,36% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,55% no finalizado em setembro, aumento decorrente das

^{2/} Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

Tabela 2.7 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2011	2012		Ano
	Ano	III Tri	IV Tri		
IPCA	100,0	6,35	1,55	2,36	6,50
Livres	77,6	6,65	1,93	2,66	7,17
Comercializáveis	41,0	4,49	1,92	2,67	4,54
Não comercializáveis	36,5	9,07	1,92	2,63	10,08
Monitorados	22,4	5,62	0,25	1,28	4,20
Principais itens					
Alimentação	26,1	6,51	3,79	4,15	11,98
Habitação	13,9	6,71	1,05	1,29	6,41
Artigos de residência	5,2	2,55	0,73	0,70	-0,45
Vestuário	7,9	10,39	1,12	2,98	3,67
Transportes	18,8	4,78	-0,07	2,22	1,97
Saúde	10,9	4,91	0,87	1,03	5,43
Despesas pessoais	8,5	9,98	1,82	2,41	10,02
Educação	4,2	7,99	0,64	0,22	8,20
Comunicação	4,5	1,51	0,13	1,23	1,18

Fonte: IBGE

^{1/}Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

acelerações registradas nos preços livres, de 1,93% para 2,66%, e nos monitorados, de 0,25% para 1,28%. A trajetória dos preços monitorados é atribuída, parcialmente, aos aumentos respectivos de 5,99% e 2,23% nos itens gasolina e gás de botijão.

No âmbito dos preços livres, ocorreram acelerações nos preços dos itens comercializáveis, de 1,92% para 2,67%, ressaltando-se as elevações nos itens arroz, 17,78%, cigarro, 13,47%, e frango inteiro, 10,13%; e nos dos itens não comercializáveis, de 1,92% para 2,63%, esta associada às elevações ocorridas nos itens farinha de mandioca (item de maior peso do subgrupo farinha, féculas e massas na região), 55,61%, passagem aérea, 35,34%, e excursão, 21,27%. O índice de difusão atingiu 63,50% no trimestre encerrado em dezembro, apontando maior disseminação nas variações de preço, dado que em setembro situava-se em 61,47%.

A economia nordestina manteve dinamismo superior ao da economia do país em 2012, com destaque para o impacto do mercado interno sobre a dinâmica do comércio. As perspectivas para 2013 seguem favoráveis, em especial no que se refere à recuperação da agropecuária, fortemente atingida pela seca verificada em 2012. Também apoia essa avaliação a continuidade dos investimentos relacionados aos eventos esportivos de 2014, entre outros fatores.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia

Dados dessazonalizados
2002 = 100

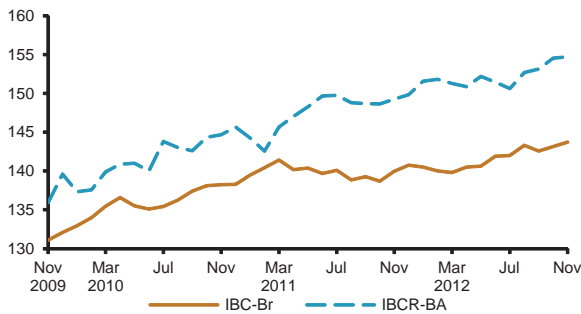
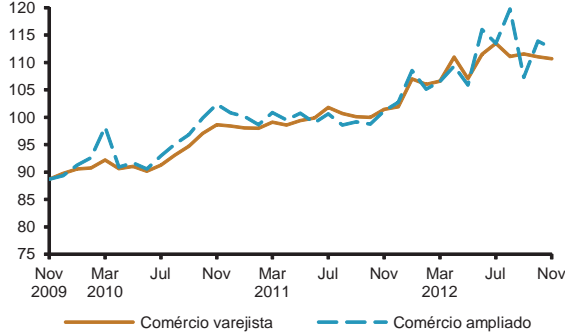


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.8 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	3,1	3,6	-0,8	9,6
Combustíveis e lubrificantes	5,9	-1,5	-9,9	7,7
Hiper, supermercados	2,0	-0,3	5,0	6,4
Tecidos, vestuário e calçados	3,5	4,9	1,9	9,0
Móveis e eletrodomésticos	-0,4	4,4	-2,6	12,3
Comércio ampliado	1,7	8,6	-4,4	10,5
Automóveis e motocicletas	-1,7	23,6	-13,1	12,9
Material de construção	3,8	0,3	-2,0	6,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB da Bahia registrou expansão de 1,9% no terceiro trimestre de 2012, em relação a igual período do ano anterior, segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). Ocorreu, no período, expansão do setor de serviços, 2,8%, e da indústria, 1,5%, e recuo de 8,9% da agricultura, fortemente impactada pela seca. Na margem, considerados dados dessazonalizados, o indicador cresceu 0,9% em relação ao trimestre encerrado em junho. O IBCR-BA, refletindo, em parte, o aumento de 1,1% registrado na produção industrial, variou 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 0,1%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, a variação do indicador atingiu 3% em novembro, mesmo patamar observado desde o início do segundo semestre de 2012.

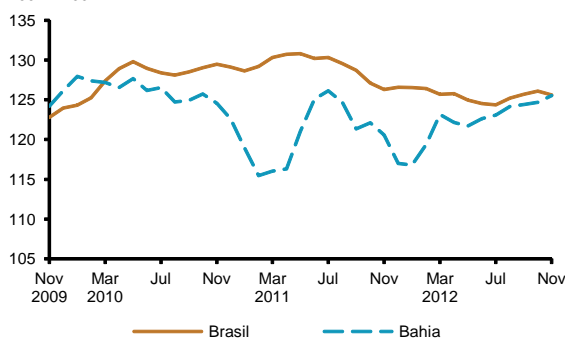
As vendas do comércio varejista baiano registraram declínio de 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 3,6%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Houve redução nas vendas em quatro dos oito segmentos que integram a pesquisa, com ênfase para as de combustíveis e lubrificantes, -9,9%, impactadas pela recente elevação dos preços. Em contrapartida, o segmento hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, em ritmo de expansão ao longo do trimestre, assinalou elevação das vendas de 5%. Incluídas as retrações de 13,1% na comercialização de veículos, após longo período de aquecimento associado aos estímulos fiscais implementados pelo governo, e de 2% nas de material de construção, o comércio ampliado no estado recuou 4,4% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo cresceram 9,6% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, resultado 1,6 p.p. superior ao obtido em agosto, no mesmo tipo de comparação. Assinale-se os aumentos nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 12,3%, e de tecidos, vestuários e calçados, 9%. Incorporando as elevações respectivas de 12,9% e de 6,4% das vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, o comércio ampliado acumulou expansão de 10,5% no período.

A produção industrial da Bahia elevou-se 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia crescido 2% na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.9 – Produção industrial – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2012	Acumulado		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	em 12 meses
Indústria geral	100,0	2,0	1,1	2,3
Indústria extrativa	5,5	1,4	0,9	-1,4
Indústria de transformação	94,5	1,7	1,1	2,5
Produtos químicos	28,9	4,8	-4,0	7,2
Ref. petróleo e prod. álcool	22,9	13,0	-1,4	0,0
Alimentos e bebidas	15,9	-1,9	1,9	2,3
Celulose e papel	11,3	4,3	3,3	2,8
Metalurgia básica	7,6	-36,8	77,6	-10,1

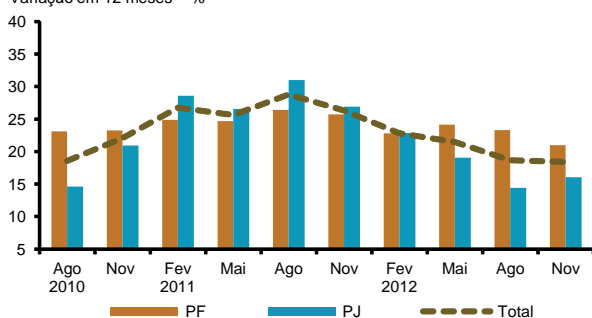
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

do IBGE. Houve expansão da produção em cinco dos nove setores considerados na pesquisa, ressaltando-se os registrados nos segmentos de metalurgia básica, 77,6%, resultado da reduzida base de comparação em razão da paralisação de importante empresa do setor nos meses de julho e agosto, de veículos automotores, 8,6%, e de celulose e papel, 3,3%. Em sentido oposto, a indústria química e o refino de petróleo e produção de álcool, que juntos representam cerca de 52% da atividade industrial do estado, recuaram, respectivamente, 4% e 1,4% no período.

O indicador acumulado dos últimos doze meses, com evolução positiva desde junho de 2012, apontou crescimento de 2,3% da produção industrial baiana em novembro, ante declínio de 2,5% da indústria nacional. Ressaltem-se, no período, as expansões respectivas de 10,3% e de 7,2% nos segmentos borracha e plástico e produtos químicos, e a retração de 10,1% na metalurgia básica.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), estimado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), atingiu 103,1 pontos em novembro, ante 81,9 pontos em agosto, permanecendo na zona definida como de otimismo moderado. A evolução trimestral refletiu a melhora das expectativas dos empresários da indústria e do setor de serviços e comércio, variações de 64,9 pontos e 36,2 pontos, respectivamente, que compensou a forte queda das expectativas na agropecuária, recuo de 135,4 pontos.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas na Bahia alcançaram R\$82,9 bilhões em novembro, aumentando 4,7% no trimestre e 18,4% em doze meses. Os empréstimos ao segmento de pessoas físicas somaram R\$41,1 bilhões, assinalando variações respectivas de 4,7% e 21% nas bases de comparação mencionadas, destacando-se no trimestre o dinamismo das modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e compras no cartão de crédito. Já o estoque de crédito relativo ao segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$41,8 bilhões, liderado pelas contratações dos segmentos químico, construção civil e papel e papelão, cresceu 4,8% no trimestre e 16% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito no estado atingiu 4,09% em novembro, recuando 0,24 p.p. no trimestre, evolução influenciada pelas reduções de 0,29 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,20 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 5,48% e em 2,72%.

Tabela 2.10 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2011	2012 ^{2/}	
Grãos				
Soja	15,6	3 513	3 214	-8,5
Algodão herbáceo	9,0	1 575	1 258	-20,1
Milho	7,4	2 052	2 001	-2,5
Feijão	5,4	223	116	-48,2
Outros grãos ^{3/}	1,2	296	91	-69,1
Outras lavouras				
Cacau	7,4	156	159	1,7
Banana	5,8	1 221	1 070	-12,4
Café	5,3	152	142	-6,4
Mandioca	5,3	2 977	2 644	-11,2
Cana-de-açúcar	3,5	6 981	8 494	21,7

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Segundo o LSPA de dezembro de 2012.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

De acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, a produção de grãos da Bahia totalizou 6,7 milhões de toneladas em 2012, inferior em 12,8% na comparação com a safra de 2011. Esse desempenho é associado aos efeitos das condições climáticas adversas sobre a agricultura do estado, que provocou retração na produção das principais culturas, em especial, feijão, 48,2%, algodão, 20,1% e soja, 8,5%. Em relação às demais lavouras, houve diminuição nas culturas de banana, de mandioca e de café, 12,4%, 11,2%, e 6,4%, respectivamente, registrando-se expansão na de cana-de-açúcar, 21,7%, com aumento de 2,5% no seu rendimento médio.

O terceiro prognóstico para a safra 2013, divulgado pelo IBGE, indica aumentos na produção de feijão 1ª safra, 191,9%, de mandioca, 54%, de milho 1ª safra, 26,2%, de soja, 18,9%, e de arroz, 10,3%. Em sentido contrário, é estimada retração nas culturas de algodão, 15,2%, e de cana-de-açúcar, 26,3%.

Conforme o quarto levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2012/2013, a produção de grãos da Bahia deverá aumentar 13,2%, em relação à de 2011/2012, com aumento de 11,9% na produtividade. Essa estimativa incorpora expansão nas safras de feijão, 119,3%, de soja, 20%, de arroz, 6,9%, e de milho, 0,3%. Em contraste, o levantamento aponta retração de 30% na produção de algodão.

A balança comercial da Bahia acumulou *superavit* de US\$3,5 bilhões em 2012, 7,2% superior ao registrado em 2011, quando totalizara US\$3,2 bilhões, de acordo com o MDIC. As exportações alcançaram US\$11,3 bilhões, representando 60% das vendas externas da região Nordeste, e as importações, US\$7,8 bilhões, verificando-se crescimento respectivo de, 2,3% e 0,2% no ano.

A evolução das exportações baianas refletiu retração de 2,7% nos preços e aumento de 5,1% no *quantum*, favorecidas pela elevação nas vendas de produtos básicos, que alcançaram 5,5%, destacando-se o aumento de 53,1% nas de farelo de soja, e nas de produtos industrializados, 1,3%, sensibilizados pelo crescimento dos manufaturados, 9,0%, ressaltando-se a expansão de hidrocarbonetos, 16%, e óleos combustíveis, 5,4%. Registrou-se recuo nas vendas de semimanufaturados, 12,5%, influenciados pelo recuo nos embarques de catodos de cobre, 75,1%. China, Estados Unidos e Holanda representaram, em conjunto, 36,9% do mercado de destino das exportações baianas.

Tabela 2.11 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	11 016	11 268	2,3	-5,3
Básicos	2 669	2 815	5,5	-7,4
Industrializados	8 348	8 453	1,3	-3,6
Semimanufaturados	3 012	2 634	-12,5	-8,3
Manufaturados ^{1/}	5 336	5 818	9,0	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.12 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	7 745	7 761	0,2	-1,4
Bens de capital	1 221	1 173	-3,9	1,5
Matérias-primas	4 989	4 822	-3,3	-2,2
Bens de consumo	1 256	1 456	15,9	-1,8
Duráveis	1 155	1 361	17,9	-7,8
Não duráveis	101	94	-6,3	7,2
Combustíveis e lubrificantes	280	310	10,6	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.13 – Evolução do emprego formal – Bahia

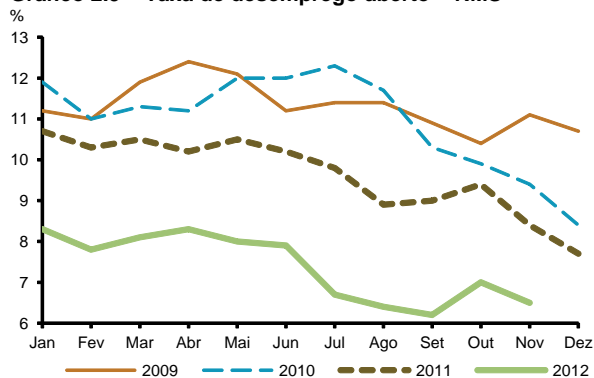
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	6,7	-9,8	13,2	2,9	4,3
Indústria de transformação	-0,5	-4,2	1,8	1,7	-3,6
Comércio	6,3	-1,5	-0,2	1,4	7,2
Serviços	7,3	3,5	2,5	2,9	4,2
Construção civil	1,3	-5,3	3,6	-0,8	1,8
Agropecuária	-7,9	-2,3	5,4	-2,1	-4,9
Serviços industriais de utilidade pública	-0,1	-0,1	-0,4	-0,0	-0,5
Outros ^{2/}	0,4	0,2	0,4	-0,1	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

A trajetória das importações resultou de contração de 8,9% nos preços e de aumento de 10% no *quantum*, refletindo a retração nas compras de bens de capital, 3,9%, com destaque no recuo nas de veículos de carga, 23,8%; e nas de matérias-primas, 3,3%, influenciadas pela queda nas aquisições de minério de cobre, 49,5%. As importações de bens de consumo avançaram 15,9%, impulsionadas pelo crescimento de 18,9% nas compras de automóveis de passageiros. A Argentina permaneceu em 2012 como o principal mercado de origem das importações da Bahia, com participação de 15,4%, seguido do Chile, 9,6%, e da China, 9%.

A economia do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 4,3 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 6,7 mil em igual intervalo de 2011, destacando-se os efeitos da diminuição nas contratações no segmento de serviços, 4,2 mil postos gerados ante 7,3 mil; e das demissões líquidas da indústria de transformação, 3,6 mil ante 0,5 mil postos de trabalho. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado permaneceu estável no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando apresentou contração de -0,1%, na mesma base de comparação.

Ataxa média de desemprego da Região Metropolitana de Salvador (RMS) atingiu, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), 6,6% no trimestre finalizado em novembro, ante 8,9% em igual período do ano anterior, verificando-se os mais baixos patamares históricos da série. Nos dados dessazonalizados, a taxa de desemprego não se alterou em relação ao trimestre anterior, mantendo-se em 6,8%. A população ocupada cresceu 5,1% no mesmo período, e a PEA, 2,4%, na série sem sazonalidade. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos pelos trabalhadores decresceram 5,2% no trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior.

O IPCA da RMS variou 6,20% em 2012, 0,36 p.p. acima da variação do índice nacional, ante 6,50% em 2011, refletindo a desaceleração no movimento dos preços monitorados de 6,60% para 5,25% e o crescimento dos preços livres de 6,45% para 6,48%, estes influenciados, especialmente, pelo comportamento dos preços de alimentos, destacando-se as elevações nos itens massa semipreparada, 98,76%, feijão, 88,45%, e arroz, 34,71%. A trajetória dos preços monitorados respondeu ao recuo dos preços de telefone fixo, 2,28%, e à elevação da taxa de água e esgoto, 12,80%, de ônibus urbano, 12,0%, e de energia elétrica residencial, 6,10%.

Tabela 2.14 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011	2012		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,00	6,50	1,45	2,31	6,21
Livres	77,02	6,45	1,92	2,39	6,48
Comercializáveis	37,45	3,34	2,09	2,29	3,60
Não comercializáveis	39,57	9,73	1,77	2,48	9,33
Monitorados	22,98	6,61	-0,14	2,04	5,26
Principais itens					
Alimentação	26,37	6,71	3,55	3,75	11,50
Habitação	14,40	8,60	1,02	1,32	7,57
Artigos de residência	4,86	3,57	2,07	-0,36	0,18
Vestuário	7,25	7,71	1,78	3,55	4,01
Transportes	20,43	5,51	-0,20	3,21	2,37
Saúde	10,08	3,92	0,44	0,75	5,17
Despesas pessoais	8,03	11,01	1,22	1,26	6,96
Educação	4,08	7,92	0,81	0,17	6,72
Comunicação	4,50	0,90	0,43	1,36	1,14

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2012.

No trimestre finalizado em dezembro, o IPCA registrou variação de 2,31% ante 1,45% naquele encerrado em setembro, resultado da elevação dos preços livres, de 1,92% para 2,39%, refletindo aumento dos segmentos comercializáveis, de 2,09% para 2,29%, e dos não comercializáveis, de 1,77% para 2,48%, ressaltando-se, neste segmento, o crescimento dos preços de farinha de mandioca, 63,74%, e passagem aérea, 35,36%. Os preços dos itens monitorados variaram de -0,14 para 2,04%, influenciados, em especial, pela elevação do preço da gasolina, 13,52%. O índice de difusão atingiu 66,1% ante 66,9% no trimestre encerrado em setembro.

A trajetória dos principais indicadores da economia baiana sugere continuidade da expansão da atividade no estado, em 2013. A recuperação da agricultura, em resposta à melhoria das condições climáticas, o desempenho do comércio varejista, favorecido pelo fortalecimento do mercado interno, a evolução da indústria, refletindo os estímulos do governo federal, e os impactos dos investimentos públicos e privados em andamento devem sustentar o ritmo de crescimento econômico do estado.

Ceará

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

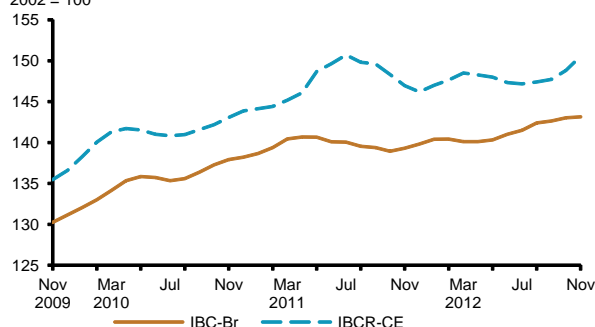
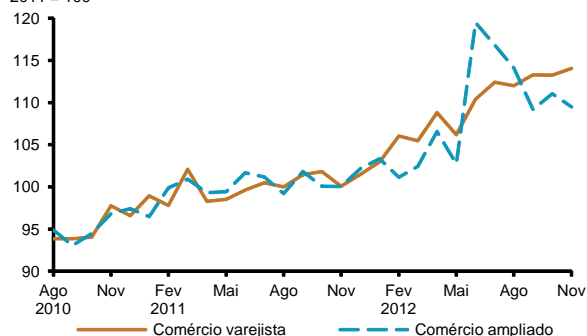


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.15 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011		2012	
	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}
Comércio varejista	8,0	4,5	1,7	9,4
Combustíveis e lubrificantes	-1,4	7,2	1,4	21,0
Hiper e supermercados	7,2	4,6	0,4	6,9
Móveis e eletrodomésticos	15,6	5,8	1,9	21,4
Art. farm. médicos, ortopédicos	18,3	5,6	4,4	12,6
Comércio ampliado	8,6	12,4	-5,9	8,8
Automóveis e motocicletas	10,6	23,5	-14,6	6,9
Material de construção	2,2	3,8	-2,3	13,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do Ceará cresceu 3,2% no trimestre finalizado em setembro, em relação ao encerrado em junho, quando havia recuado 0,8%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). Evidenciando a manutenção da trajetória de recuperação da economia cearense, o IBCR-CE aumentou 2,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando recuara 0,4%, nesse tipo de comparação. A análise em doze meses revela que o indicador cresceu 0,9% em novembro, comparativamente a igual intervalo de 2011.

As vendas do comércio varejista no estado cresceram 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 4,5%, nessa base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destaque para os segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, cujas vendas expandiram 4,7%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 4,4%. Incorporadas as vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, que apresentaram redução respectiva de 14,6% e 2,3%, o comércio ampliado no estado decresceu 5,9% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas no varejo registraram incremento de 9,4% em novembro, em relação a igual período de 2011, ante 7,9% em agosto, assinalando-se o aumento nos segmentos de móveis e eletrodomésticos, 21,4%, e de combustíveis e lubrificantes, 21%. Agregando-se a comercialização de vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, com elevação respectiva de 6,9% e 13,4%, o comércio ampliado expandiu 8,8% no período.

A produção industrial cearense decresceu 1,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando retraíra 1,5% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve retração em sete das dez atividades pesquisadas, destacando-se as relativas a alimentos e bebidas, 8,4%, e a produtos químicos, 4%. A análise em doze meses em novembro, revela recuo de 1,8% por parte da produção da indústria cearense, na comparação com igual período de 2011, quando a retração alcançara 3% em agosto.

O faturamento real da indústria de transformação cearense cresceu 7,1% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2011, após

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

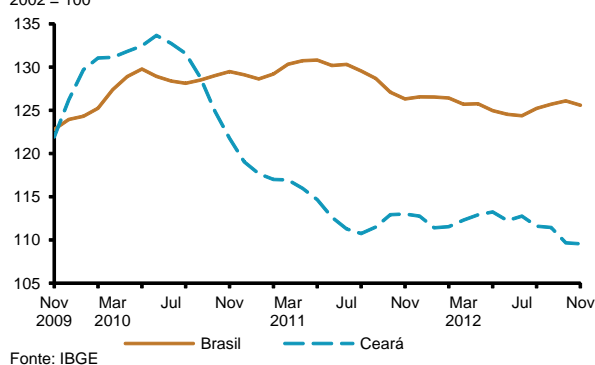


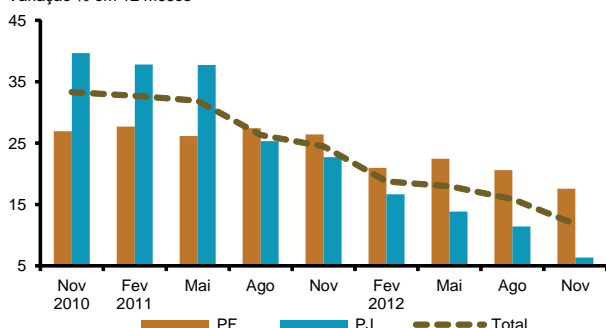
Tabela 2.16 – Produção industrial – Ceará
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,5	-1,8	-1,8
Produtos de metal	2,0	8,7	-1,4	-22,9
Alimentação e bebidas	33,8	6,1	-8,4	2,5
Metalurgia básica	2,3	3,0	-10,6	23,3
Calçados e artigos de couro	5,0	-0,2	9,6	2,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}
Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.17 – Produção agrícola – Ceará
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/} 2011	2012	Var. % 2012/2011
Produção de grãos		1 299	231	-82,2
Feijão	13,59	264	53	-80,0
Milho	6,49	915	120	-86,9
Arroz (em casca)	2,55	93	51	-45,2
Outras lavouras selecionadas				
Banana	14,57	494	416	-15,9
Mandioca	8,30	837	938	12,1
Castanha-de-caju	3,72	112	39	-65,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

expansão de 2,4% em agosto, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, houve redução no pessoal empregado, 2,8%, e nas horas trabalhadas, 0,5%, e a remuneração real cresceu 0,6%. O Nuci médio atingiu 86,8% ante novembro, ante 85% em agosto, e 88,4% ante igual mês do ano anterior.

O volume das operações de crédito superiores a R\$1 mil atingiu R\$42 bilhões em novembro, registrando expansão de 3,3% no trimestre e de 11,8% nos últimos doze meses. A carteira do segmento pessoas jurídicas totalizou R\$21 bilhões, com variações respectivas de 2,8% e de 6,4% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações de operações destinadas aos setores de geração e transmissão de energia elétrica, à indústria de moda e à construção civil. O saldo de operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$21 bilhões, elevando-se 3,8% no trimestre e 17,6% em doze meses, havendo concentração nos recursos direcionados às modalidades crédito consignado, financiamentos habitacionais e aquisição de automóveis.

A inadimplência relativa ao crédito contratado atingiu 4,3% em novembro, mantendo-se estável em relação ao patamar observado em agosto, mas elevando-se 0,6 p.p. em doze meses. O comportamento no trimestre decorreu da redução de 0,2 p.p. registrados no segmento de pessoas físicas e da estabilidade no relativo a pessoas jurídicas, com taxas situando-se, na ordem, em 5,7% e 2,9%.

A safra de grãos do estado atingiu 231 mil toneladas em 2012, o que representou decréscimo de 82,2% comparativamente ao ano anterior, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. Esse resultado refletiu a grave seca que atingiu o Ceará, com perdas de 86,9% na safra de milho, produto mais representativo da produção agrícola cearense, e de 80% e de 45,2% nas lavouras de feijão e de arroz, respectivamente. Em relação às demais culturas, destacam-se as retrações de 65,5% na cultura da castanha-de-caju com impacto negativo nas vendas externas, que recuaram 15,6% em 2012, e de 15,9% na colheita da banana.

O saldo da balança comercial do Ceará, de acordo com dados do MDIC, registrou *deficit* de US\$1,6 bilhão em 2012. As exportações recuaram 9,7% e as importações cresceram 19,3%, somando, na ordem, US\$1,3 bilhão e US\$2,9 bilhões.

O desempenho das vendas externas, traduzindo recuo respectivo de 7,6% e de 2,3% no *quantum* e nos preços,

Tabela 2.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	1 403	1 267	-9,7	-5,3
Básicos	459	333	-27,3	-7,4
Industrializados	945	934	-1,2	-3,3
Semimanufaturados	282	293	3,7	-8,3
Manufaturados ^{1/}	662	641	-3,2	-1,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	2 401	2 864	19,3	-1,4
Bens de capital	499	912	82,9	1,5
Matérias-primas	1 453	1 452	-0,1	-2,2
Bens de consumo	142	154	8,6	-1,8
Duráveis	71	71	0,4	-7,8
Não duráveis	71	83	16,8	7,2
Combustíveis e lubrificantes	307	346	12,8	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.20 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	19,2	-5,6	1,4	15,7	17,2
Indústria de transformação	2,6	-5,5	-1,2	4,5	4,3
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,0	0,0	0,0	-0,2
Construção civil	1,8	-2,0	-2,0	0,5	-1,0
Comércio	7,5	1,2	0,6	1,8	8,3
Serviços	5,3	4,2	4,4	5,8	5,7
Agropecuária	1,8	-3,4	-0,6	2,9	0,8
Outros ^{2/}	0,1	0,0	0,2	0,4	-0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

refletiu, em especial, a redução de 27,3% nos embarques de produtos básicos, impactada pelo decréscimo nos relativos a lagostas congeladas, 42,1%, e a castanha-de-caju, 15,6%. As exportações de manufaturados decresceram 3,2%, sensibilizadas pelas quedas respectivas de 9,1% e de 17,3% em calçados, suas partes e componentes e em tecidos de algodão. Já as exportações de semimanufaturados aumentaram 3,7%, destacando-se as elevações nas associadas a ceras vegetais, 14,8%, e a couros e peles, 11,8%.

A evolução das importações, com variação de 24,2% no *quantum* e de -3,9% nos preços, foi, em grande parte, impulsionada pelo aumento de 82,9% nas compras de bens de capital, com destaque ao recorde de aquisições de turbinas a vapor oriundas da China, no valor total de US\$331,8 milhões, e o incremento de 12,8% nas compras de combustíveis e lubrificantes, ênfase no crescimento de 42,2% nas compras de gás natural liquefeito (GNL). As aquisições externas de bens de consumo registraram acréscimo de 8,6%, e as de matérias-primas, recuo de 0,1% no período.

Segundo dados divulgados pelo Caged do MTE foram criados, no mercado de trabalho no estado do Ceará, 17,2 mil empregos no trimestre encerrado em novembro, ante 19,2 mil colocações geradas em igual período do ano anterior. Esse desempenho refletiu, em especial, o menor dinamismo nos setores de agropecuária e de construção civil. Esses setores eliminaram 239 vagas de trabalho entre setembro e novembro de 2012, ante a contratação de 3,6 mil trabalhadores no trimestre finalizado em novembro de 2011. No comércio, na indústria de transformação e nos serviços houve incremento nas vagas criadas no trimestre, o que sugere maior dinamismo nesses setores. As 15,4 mil contratações verificadas nessas atividades entre setembro e novembro de 2011 elevaram-se para 18,3 mil no trimestre finalizado em novembro desse ano. Nos onze primeiros meses do ano, foram gerados 35,3 mil empregos formais no estado, ante 52,6 mil em igual período do ano anterior.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal no Ceará cresceu 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, com ênfase no crescimento das contratações de 1,4% no comércio, 1% em serviços e 0,4% na indústria de transformação.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), divulgado pelo IBGE, aumentou 6,70% em 2012, ante elevação de 6,46% em 2011, com a variação dos

Tabela 2.21 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Variação %				
	Pesos ^{1/}	2011		2012	
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,46	1,88	2,88	6,70
Livres	78,6	7,27	2,05	3,51	8,33
Comercializáveis	44,4	6,11	2,27	3,51	6,54
Não comercializáveis	34,2	5,58	1,78	3,49	10,69
Monitorados	21,4	4,36	1,24	0,47	0,69
Principais itens					
Alimentação	29,7	6,14	4,34	5,34	13,29
Habitação	13,9	3,69	1,45	1,07	2,48
Artigos de residência	4,8	1,70	-0,32	0,56	-1,91
Vestuário	8,0	16,14	0,49	4,06	4,46
Transportes	16,9	4,48	0,24	1,29	0,83
Saúde	9,8	5,69	1,08	1,11	5,66
Despesas pessoais	8,6	10,33	2,39	4,17	12,74
Educação	4,3	8,90	0,25	0,13	9,08
Comunicação	4,0	1,28	-0,04	1,45	1,20

Fonte: IBGE

^{1/}Pesos relativos ao trimestre encerrado no período t-3.

preços livres passando de 7,27% para 8,33%, e a relativa aos monitorados, de 4,36% para 0,69%. Ressalte-se que a evolução dos preços livres esteve associada, em especial, à aceleração dos preços de alimentação e bebidas, que variaram 13,29%, ante 6,14% em 2011, e o desempenho dos monitorados refletiu, em parte, a redução registrada em energia elétrica residencial, 11,63%, e em telefone fixo, 2,39%.

Na margem, o IPCA da RMF elevou 2,88% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,88% naquele finalizado em setembro. A variação dos preços livres passou de 2,05% para 3,51%, e a relativa aos monitorados, de 1,24% para 0,47%, esta refletindo, em especial, o aumento nos itens ônibus interestadual, 3,75%, óleo diesel, 1,71%, e gás de botijão, 1,14%.

A trajetória dos preços livres respondeu ao aumento nas variações de preços nos segmentos de bens comercializáveis, de 2,27% para 3,51%, com ênfase nos aumentos ocorridos em arroz, 18,04%, cigarro, 13,47%, e bicicleta, 12,10%, e de não comercializáveis, de 1,78% para 3,49%, ressaltando-se a elevação nos itens farinha de mandioca, 52,31%, excursão, 33,31%, e passagem aérea, 30,80%. O índice de difusão atingiu 60,86% no trimestre encerrado em dezembro, ante 59,20% naquele finalizado em setembro.

A atividade econômica cearense deverá registrar, em 2012, crescimento mais acentuado do que o observado em âmbito nacional. As perspectivas para 2013 contemplam a manutenção da trajetória de crescimento da economia do estado, com ênfase nos impactos da atividade varejista, em ambiente de manutenção do dinamismo do mercado interno local, da retomada recente da atividade industrial e da continuidade dos investimentos de natureza pública e privada, viabilizando projetos estratégicos para o desenvolvimento estadual.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados
2002 = 100

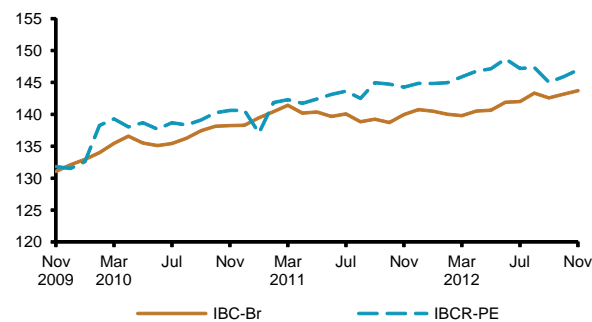
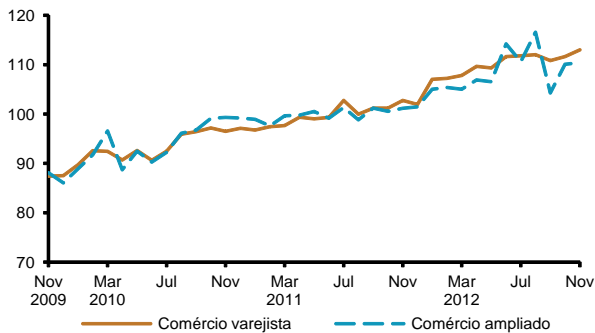


Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.22 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	3,4	2,6	0,0	10,1
Combustíveis e lubrificantes	3,5	-2,9	0,7	5,0
Hiper e supermercados	3,8	2,4	-2,0	6,6
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	1,9	0,2	6,9
Móveis e eletrodomésticos	-0,2	3,3	1,2	16,3
Comércio ampliado	2,1	7,2	-4,9	8,6
Automóveis e motocicletas	-0,9	20,7	-18,4	3,6
Material de construção	7,0	1,3	1,6	18,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do estado cresceu 1% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao terminado em junho, de acordo com estatísticas dessazonalizadas da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). Evidenciando, em especial, a retração acentuada registrada na indústria do estado, o IBCR-PE recuou 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, período em que havia aumentado 0,8%, na mesma base de comparação. Considerados intervalos de doze meses, o IBCR-PE variou 3,0% em novembro, comparativamente a igual período do ano anterior, ante expansão de 3,6% em agosto.

O comércio varejista em Pernambuco manteve o volume de vendas no trimestre setembro-novembro, em relação ao anterior, quando havia crescido 2,6%, na série ajustada sazonalmente da PMC, do IBGE. O segmento de supermercado apresentou retração de 2,0% e compensou o crescimento nos segmentos de combustíveis, 0,7%, e de móveis e eletrodomésticos, 1,2%. O comércio ampliado recuou de 4,9% no mesmo período, sensibilizado pela retração de 18,4% nas vendas de automóveis e motocicletas, desempenho atribuído parcialmente à concentração de vendas no trimestre anterior, período para o qual havia sido estabelecida a redução tributária.

Considerados os doze meses encerrados em novembro de 2012, relativamente aos doze meses anteriores, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram 10,1% e 8,6%, destacando-se os segmentos de móveis e eletrodomésticos e de material de construção, que se elevaram 16,3% e 18,2%. Em doze meses até agosto, a expansão do comércio no varejo e o ampliado havia atingido 9,0% e 7,5%, respectivamente.

De acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, a produção da indústria pernambucana contraiu 5,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 1,2%, na mesma base de comparação. Essa retração foi determinada, principalmente, pela menor produção de açúcar e de produtos químicos. Considerados períodos de doze meses, a indústria desacelerou-se de 3,9% em agosto para 1,6% em novembro, liderada pelo crescimento de 12,3% da metalurgia básica, que superou as diminuições da produção de setores de maior representatividade como a de alimentos e bebidas, -3%, e a de produtos químicos, -2,5%, quando, em igual período até agosto, expandira 3,9%.

Tabela 2.23 – Produção industrial – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2012	Variação % no período		
		12 meses:		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum.
Indústria geral	100,0	1,2	-5,2	1,6
Alimentação e bebidas	37,0	-0,9	-5,4	-3,0
Química	15,9	6,8	-9,6	-2,5
Metalurgia básica	14,1	2,0	-1,3	12,3
Minerais não metálicos	7,8	1,5	-5,3	4,4
Produtos de metal	6,6	28,4	-1,5	6,3
Borracha e plástico	5,9	2,1	6,5	7,2

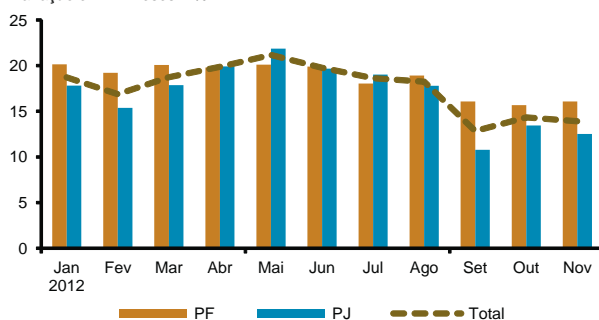
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2011	2012 ^{1/}	
Grãos				
Feijão	6,6	107	32	-70,3
Milho	2,1	124	24	-80,8
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	46,0	17 517	16 656	-4,9
Uva	15,4	209	225	7,7
Banana	6,7	487	425	-12,7
Mandioca	3,8	514	447	-13,1
Tomate	3,0	115	112	-2,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2012.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas no estado acumularam saldo de R\$65,5 bilhões em novembro, configurando crescimento de 13,9% em doze meses. No trimestre, a expansão foi 3,7%, com ênfase nas operações vinculadas a serviços públicos (exceto saúde e educação) e refino de petróleo e álcool. No segmento de pessoas físicas, o saldo alcançou R\$26,1 bilhões, aumentando 3,6% no trimestre e 16,1% em doze meses, e o referente ao segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$39,4 bilhões, elevando-se 3,7% no trimestre e 12,5% em doze meses. A taxa de inadimplência nas operações de crédito atingiu 3,01% em novembro, ante 3,20% em agosto, refletindo queda de 0,26 p.p., para 5,52%, no segmento de pessoas físicas, e de 0,14 p.p., para 1,34%, no de pessoas jurídicas.

A forte estiagem em 2012, que afetou grande parte do estado, provocou efeitos desfavoráveis na maioria das lavouras observadas. De acordo com as estimativas do LSPA de dezembro, a lavoura de cana-de-açúcar, com participação no valor da produção agrícola de 46,0%, deverá registrar contração de 4,9% em 2012. Já a produção de grãos deve encerrar o ano com queda de 71,2%, resultado da contração nas safras de feijão e de milho da ordem de 70,3% e 80,8%, respectivamente. Nas demais culturas acompanhadas, apenas a uva apresentou incremento na produção, de 7,7%, por se tratar de lavoura irrigada na região do Vale do São Francisco. As culturas de banana, de mandioca e de tomate apresentaram retração de 12,7%, 13,1% e 2,9%, na ordem.

O terceiro levantamento da safra de cana-de-açúcar, divulgado em dezembro pela Conab, indica que os problemas climáticos impactarão também a colheita de 2012/2013, que deverá sofrer diminuição de 15,5%, em decorrência do declínio de 15,9% na produtividade. Contudo, o levantamento da safra de grãos, publicado em janeiro pela mesma instituição, projeta recuperação dessa produção, que deverá atingir 249 mil toneladas em 2012/2013, ante 73,1 mil toneladas em 2011/2012, refletindo melhoria na produtividade prevista para o feijão e para o milho.

A balança comercial pernambucana foi deficitária em R\$5,3 bilhões em 2012, de acordo com o MDIC, representando expansão de 21,6% com relação ao registrado em 2011. Enquanto as exportações cresceram 10,1%, as importações avançaram 19,1%, atingindo R\$1,3 bilhão e R\$6,6 bilhões, na ordem.

O desempenho das exportações resultou de aumento de 15,1% no *quantum*, e de redução dos preços em 4,3%. Assinale-se o crescimento de 36,3% na comercialização de

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	1 199	1 320	10,1	-5,3
Básicos	166	155	-6,8	-7,4
Industrializados	1 033	1 165	12,8	-3,6
Semimanufaturados	367	257	-29,9	-8,3
Manufaturados ^{1/}	666	908	36,3	-1,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Contempla os valores de Transações Especiais e Consumo de Bordo.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2011	2012	Var. %	Var. %
Total	5 534	6 592	19,1	-1,4
Bens de capital	1 100	866	-21,2	1,5
Matérias-primas	2 209	2 007	-9,1	-2,2
Bens de consumo	641	684	6,7	-1,8
Duráveis	301	341	13,0	-7,8
Não duráveis	339	343	1,1	7,2
Combustíveis e lubrificantes	1 585	3 035	91,5	-2,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

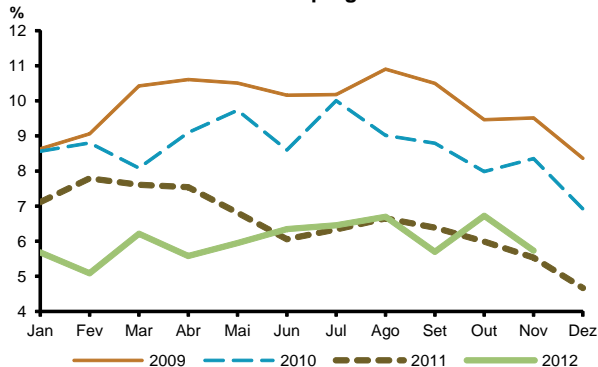
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2011		2012		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	40,3	-7,5	-5,6	22,0	23,5
Indústria de transformação	19,2	-9,2	-18,0	8,6	14,5
Comércio	7,5	-1,8	1,9	0,7	9,0
Serviços	13,0	7,2	6,6	2,3	2,9
Construção civil	6,1	2,3	4,5	2,0	-0,5
Agropecuária	-5,4	-6,1	-0,6	8,6	-1,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,1	0,1	-0,4	-0,6
Outros ^{2/}	-0,1	0,0	-0,1	0,1	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

manufaturados, sensibilizada pela venda de plataforma de petróleo que correspondeu a 30,7% do total das exportações do estado no período. Em movimento oposto, houve diminuição das vendas internacionais de produtos básicos, de 6,8%, e de semimanufaturados, de 29,9%. Avaliando-se por produtos, assinala-se a redução nas vendas de açúcar, um dos principais componentes da pauta de exportação, que alcançou -39,0%, passando de R\$558,6 milhões, em 2011, para R\$340,7 milhões. Holanda, Estados Unidos e Argentina, nessa ordem, constituíram os principais destinos das exportações e representaram, em conjunto, 53,7% do volume embarcado em 2012.

À semelhança das exportações, o aumento das importações também foi favorecido pela ampliação no *quantum*, de 24,5%, parcialmente compensada pela queda nos preços, de 1,9%. Esse desempenho foi determinado, principalmente, pela elevação de 91,5% nas compras externas de combustíveis e lubrificantes, que representavam 28,6% da pauta em 2011 e passaram a 46,0%, em 2012. Assinala-se também o crescimento de 6,7% das compras de bens de consumo, parcialmente compensado pelo recuo de 21,2% nas aquisições de bens de capital e de 9,1% na de matéria-prima. Estados Unidos, Holanda, China, Argentina e México, nessa ordem, foram a origem de 55,3% das importações do estado no ano.

Em Pernambuco registrou-se a criação de 23,5 mil postos de trabalho formais no trimestre finalizado em novembro, ante 40,3 mil em igual período de 2011, segundo o Caged/MTE, ressaltando-se a redução das contratações líquidas no setor de serviços, de 13,0 mil para 2,9 mil. O índice de emprego formal avançou 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 1,0%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa média de desemprego da Região Metropolitana de Recife (RMR) atingiu 6% no trimestre encerrado em novembro, de acordo com a PME do IBGE, apresentando estabilidade em relação a igual período de 2011. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego reduziu 0,4 p.p. em relação ao trimestre anterior, reflexo de expansão de 1,2% na população ocupada e de 1,0% na População Economicamente Ativa (PEA). O rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas elevou-se 1,4% comparativamente ao trimestre finalizado em agosto, acumulando 7,2% em doze meses.

Tabela 2.28 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/} 2012	Variação % trimestral			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	1,76	1,34	1,48	2,03
Livres	77,7	1,46	1,24	1,84	2,41
Comercializáveis	40,3	0,67	0,52	1,65	2,37
Não comercializáveis	37,5	4,02	2,03	2,06	2,45
Monitorados	22,3	2,82	1,67	0,22	0,72
Principais itens					
Alimentação	25,4	1,26	2,43	3,73	3,73
Habitação	13,7	2,71	2,32	0,83	1,39
Artigos de residência	5,2	-0,81	-1,34	-0,37	2,21
Vestuário	8,0	-0,78	1,29	0,71	1,49
Transportes	15,9	1,92	-0,84	-0,05	1,07
Saúde	12,7	1,16	1,74	1,25	1,30
Despesas pessoais	9,8	4,10	2,65	2,21	2,71
Educação	4,7	8,26	0,21	0,69	0,33
Comunicação	4,5	-0,61	1,12	-0,20	0,94

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a setembro de 2012.

O IPCA da RMR aumentou 2,03% no trimestre encerrado em dezembro, superior à elevação de 1,48% observada no trimestre anterior, refletindo os crescimentos dos preços livres, de 1,84% para 2,41%, e dos preços monitorados, de 0,22% para 0,72%.

O desempenho dos itens com preços livres está associado ao aumento na variação dos preços dos bens comercializáveis, de 1,65% no trimestre até setembro, para 2,37%, até dezembro, destacando-se as elevações de 1,49% nos preços de vestuário, de 4,80% nos de leite e derivados e de 2,70% nos de automóvel novo; e à elevação na variação dos preços dos bens não comercializáveis, de 2,06% para 2,45%, nos mesmos períodos, assinalando-se expansão de 3,36% nos preços da alimentação fora do domicílio e de 38,10% nos de passagens aéreas.

A trajetória dos preços dos itens monitorados por contrato e administrados foi influenciada principalmente pelo aumento de 2,01% nos preços de planos de saúde, de 3,45% nos de gás de botijão e de 1,33% nos de energia elétrica residencial. O índice de difusão do quarto trimestre, de 70,94%, sugere ampliação na propagação das variações dos preços em comparação com o trimestre finalizado em setembro, quando alcançara 67,55%.

Em 2012, a variação do IPCA da RMR situou-se em 6,79%. Os preços livres apresentaram elevação de 7,12%, refletindo variação de 10,24% nos preços da alimentação fora do domicílio, de 16,74% nos dos serviços de empregados domésticos e de 11,20% nos cursos regulares. Os preços monitorados aumentaram 5,52%, influenciados pela expansão de 7,89% nos preços dos planos de saúde, de 7,52% nos das passagens de ônibus urbano e de 5,16% nos de energia elétrica residencial.

A evolução favorável dos indicadores relacionados ao mercado de trabalho e a continuidade das políticas de transferência de renda do governo federal seguem assegurando o crescimento robusto do rendimento médio real no estado, com desdobramentos benignos sobre o comércio varejista. Esse cenário e as expectativas de expansão das operações de crédito, a recuperação da atividade agrícola e a retomada da indústria, em ambiente de continuidade dos investimentos públicos e privados, sustentam as perspectivas de intensificação do dinamismo da atividade econômica no estado nos próximos trimestres.